

TRANSFORMAR CERCAS EM PASSAGENS: *FUP*, DE JIM DODGE, E A FUNÇÃO DA PSICOTERAPIA EM PERSPECTIVA JUNGUIANA

TRANSFORMING FENCES INTO PASSAGES: *FUP*, BY JIM DODGE, AND THE FUNCTION OF PSYCHOTHERAPY FROM A JUNGIAN PERSPECTIVE

Maurício da Silva Fonsecaⁱ

 <https://orcid.org/0000-0003-1761-9830>

Resumo: Este ensaio propõe uma leitura de *Fup*, de Jim Dodge, em diálogo com a psicologia analítica de Carl Gustav Jung, tomando a novela como alegoria simbólica da psicoterapia. Publicada originalmente em 1983, a obra acompanha Granddaddy Jake Santee, seu neto Tiny e a pata Fup em um universo rural marcado por humor, estranhamento e imagens de forte valor simbólico. Sustenta-se que cercas, destruição e abertura funcionam como metáforas da defesa psíquica, do retorno do inconsciente e do processo de individuação. A psicoterapia é apresentada, assim, como trabalho de transformação de estruturas rígidas em passagens habitáveis, sem a supressão violenta das defesas.

Palavras-chave: Jim Dodge; Fup; Jung; psicoterapia; psicologia analítica.

Abstract: *This essay proposes a reading of Fup, by Jim Dodge, in dialogue with Carl Gustav Jung's analytical psychology, treating the novel as a symbolic allegory of psychotherapy. First published in 1983, the work follows Granddaddy Jake Santee, his grandson Tiny, and the duck Fup in a rural universe marked by humor, strangeness, and highly symbolic images. It argues that fences, destruction, and opening function as metaphors for psychic defense, the return of the unconscious, and the process of individuation. Psychotherapy is therefore presented as the work of transforming rigid structures into habitable passages, without violently suppressing defenses.*

Keywords: Jim Dodge; Fup; Jung; psychotherapy; analytical psychology.

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2026.n1.78790

Recebido em: 08/05/2025

Aprovado em: 14/07/2026

ⁱ Psicólogo (UFBA). Especialização em Psicoterapia Analítica (IJBA) e em Psicologia da Saúde (Faculdade Serra Geral). Mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade (UFBA). Psicólogo na Prefeitura Municipal de Salvador. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1104189028710701>. E-mail: mauricio.odv@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

A leitura de “Fup”, de Jim Dodge, em chave psicológica, é particularmente fecunda porque a própria narrativa se constrói como uma fábula moderna, breve e imagética, mais próxima do mito e do sonho do que do romance psicológico tradicional. Publicada originalmente em 1983, a obra é frequentemente apresentada como uma fábula contemporânea e se organiza em torno de “Granddaddy Jake Santee”, seu neto “Tiny” e a pata “Fup”, num cenário rural em que cercas, animais, afeto e excentricidade compõem o núcleo narrativo (Dodge, 2024). Essa moldura é importante porque desloca a leitura do plano meramente descritivo para o simbólico, permitindo pensar a narrativa como encenação de processos psíquicos.

Jim Dodge é um escritor norte-americano associado a uma prosa que combina humor, oralidade, imaginação fabuladora e sensibilidade contracultural. Sua obra se aproxima de universos marginais, de paisagens pouco domesticadas e de personagens que vivem entre o cômico e o insólito, o que torna “Fup” especialmente aberto a interpretações que envolvam conflitos entre ordem e desmedida, proteção e ruptura, forma e vitalidade. Nesse sentido, o livro fornece um terreno privilegiado para um diálogo com Jung, para quem a psicoterapia não deve ser reduzida ao manejo técnico de sintomas, mas entendida como trabalho com a totalidade da personalidade, com suas imagens, tensões e possibilidades de transformação (Jung, 1992; Jung, 2014).

O objetivo deste ensaio é mostrar que a imagem das cercas, da sua destruição e da possibilidade de abertura nelas oferece uma formulação precisa da função terapêutica. Em vez de imaginar a psicoterapia como demolição das defesas, a leitura junguiana sugere que o trabalho clínico consiste em transformar estruturas rígidas em passagens habitáveis. Para desenvolver essa hipótese, apresenta-se primeiro um breve resumo da obra, depois sua articulação com as figuras de defesa, inconsciente e vitalidade psíquica, e por fim sua relação com a individuação e com a prática terapêutica.

2 FUP E SUA CENA NARRATIVA

O livro “Fup” gira em torno de “Granddaddy Jake Santee”, velho astuto, irreverente e pouco afeito à disciplina, e de seu neto “Tiny”, cuja relação com a terra, os animais e a construção de cercas organiza boa parte da economia narrativa (Dodge, 2024). A essa dupla se



soma “Fup”, uma pata de presença singular, cuja estranheza não se limita ao cômico: ela adquire valor afetivo, simbólico e transformador. A narrativa não aposta em grandes reviravoltas causais; seu movimento se dá pela repetição de gestos, pelo acúmulo de imagens e pela convivência entre o doméstico e o insólito.

Esse traço é decisivo para a leitura proposta aqui. Em vez de procurar um sentido oculto que dissolva a obra numa moral simplificada, é mais produtivo reconhecê-la como uma composição de figuras: cercas, porcos, patas, velhice, herança, cuidado e desorganização. O enredo, assim, funciona como um dispositivo de condensação simbólica. É justamente essa característica que aproxima a novela do pensamento junguiano, no qual imagens não são simples ornamentos do psiquismo, mas formas de apresentação de conteúdos e tensões internas (Jung, 2014). A narrativa, em outras palavras, não ilustra conceitos psicológicos; ela encena uma problemática psíquica por meio de personagens e ações.

3 CERCAS, DEFESAS E O RETORNO DO INCONSCIENTE

A figura de “Tiny”, associada à construção e manutenção de cercas, pode ser lida como imagem de uma subjetividade organizada pela defesa. A cerca separa, delimita, protege e ordena. No plano psíquico, ela remete às operações defensivas pelas quais o sujeito tenta conter o excesso do mundo e de si mesmo. Trata-se de uma imagem clínica precisa, pois diante do desamparo, da perda ou da ameaça de desorganização, a psique frequentemente responde com rigidez, autocontrole e tentativa de estabilização da experiência.

Jung observa que o sofrimento neurótico não deve ser compreendido apenas como um conjunto de sintomas isolados, mas como expressão de desequilíbrios mais amplos entre consciência e inconsciente (Jung, 1992; Jung, 2014). A defesa, então, não é um erro em si, mas uma solução historicamente necessária. O problema surge quando a proteção se converte em prisão. Nesse sentido, as cercas de Fup não são simples objetos de cenário: elas figuram a tentativa humana de impedir a irrupção do caos. O sujeito, porém, não vive sem custo quando transforma sua vida inteira numa arquitetura de contenção.

É nesse ponto que a presença do porco selvagem, “Cerra-Dente”, se torna fundamental na história. Ele encarna a força que rompe a delimitação e desorganiza a ordem estabelecida. Como imagem do inconsciente em sua dimensão instintiva e compensatória, o animal dramatiza o retorno daquilo que foi excluído pela consciência. Jung sustenta que o inconsciente reage à unilateralidade da consciência por movimentos compensatórios, frequentemente perturbadores



(Jung, 1992). Quando a vida psíquica se organiza apenas em torno do controle, da adaptação ou da repressão do instintivo, aquilo que foi excluído tende a retornar sob a forma de crise, sonho, sintoma ou perturbação.

Essa leitura evita dois equívocos. O primeiro seria romantizar o selvagem, como se toda irrupção do inconsciente fosse emancipadora; Jung não sustenta isso, pois o retorno do reprimido pode ser devastador quando não encontra elaboração simbólica (Jung, 2014). O segundo seria imaginar que saúde psíquica equivale à restauração plena do controle. A psicoterapia, em perspectiva junguiana, não busca eliminar o conflito nem fabricar uma ordem perfeita, mas favorecer uma relação menos unilateral entre consciência e inconsciente.

4 FUP E A VITALIDADE PSÍQUICA

Se a cerca representa defesa e “Cerra-Dente” representa ruptura, “Fup” figura a vitalidade psíquica. Sua estranheza não se reduz ao humor; ela condensa uma presença viva que resiste ao endurecimento. Entre o doméstico e o indomável, entre o cômico e o sagrado, a pata parece encarnar aquilo que no sujeito ainda pulsa apesar das formas rígidas de defesa. Em termos junguianos, essa potência remete à importância dos símbolos, dos sonhos e das fantasias como elementos ativos do processo terapêutico (Jung, 2014).

Jung atribui às imagens uma função estruturante, porque elas não apenas representam conteúdos psíquicos, mas participam de sua transformação. Por isso, “Fup” não deve ser lida apenas como personagem curiosa ou engraçada. Ela funciona como imagem viva daquilo que resiste à mortificação subjetiva. Em clínica, essa dimensão é crucial, pois muitos sujeitos não chegam à terapia apenas sofrendo, mas empobrecidos em sua capacidade de desejar, imaginar e sentir. Funcionam, mas não vivem plenamente. “Fup” pode ser compreendida como metáfora dessa reserva vital que a clínica tenta reativar.

Essa perspectiva permite articular a novela com um aspecto central da psicoterapia: o trabalho clínico não consiste apenas em reduzir sintomas, mas também em recuperar circulação psíquica. Quando a vida se torna excessivamente cercada, o sujeito perde contato com o que o afeta, o move e o surpreende. A presença de “Fup” reabre esse campo e sugere que a cura não é retorno a uma normalidade abstrata, mas reintegração de uma vitalidade singular.

5 A PSICOTERAPIA COMO PASSAGEM



A imagem mais importante do livro é a passagem aberta nas cercas. Essa figura sintetiza de modo preciso a função terapêutica em Jung. A psicoterapia não opera por demolição abrupta das defesas, porque isso seria frequentemente violento e desorganizador. Estruturas defensivas têm história e função; elas sustentaram o sujeito em momentos decisivos. O trabalho clínico exige, portanto, cuidado, tempo e simbolização. Sua tarefa não é arrancar as cercas, mas transformá-las em fronteiras permeáveis.

Jung descreve a psicoterapia como um processo que pode envolver momentos de confissão, esclarecimento, educação e transformação, compreendidos não como sequência mecânica, mas como ampliação progressiva da consciência e reorganização da personalidade (Jung, 2014). Em “Fup”, a mudança não se dá por explicação racional, mas por experiência simbólica. O sujeito é transformado não porque entende tudo de imediato, mas porque atravessa uma vivência que reorganiza sua relação com o mundo. Essa lógica é profundamente clínica: muitas mudanças psíquicas começam no plano da experiência e só depois se convertem em compreensão conceitual.

Essa formulação conduz ao conceito de individuação. Para Jung, individuar-se não significa tornar-se perfeito ou adaptar-se passivamente às exigências externas, mas desenvolver uma relação menos unilateral entre ego e inconsciente, integrando aspectos recusados da personalidade (Jung, 1992). O sujeito não se liberta eliminando seus conflitos; ele se torna mais inteiro ao deixar de se identificar rigidamente com uma única forma de existir. Em “Fup”, isso equivale a compreender que a cerca não precisa desaparecer, mas não pode permanecer fechada por completo. A transformação está na abertura regulada, na criação de um trânsito entre interior e exterior, ordem e imprevisto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lido à luz da psicologia analítica, “Fup” pode ser compreendido como uma pequena teoria simbólica da psicoterapia. A cerca representa a necessidade de proteção; “Cerra-Dente” figura o retorno do indomável; “Fup” encarna a vitalidade que resiste; e a passagem nas cercas oferece uma imagem precisa da tarefa clínica. Jung ajuda a dar densidade a essa leitura porque compreende a psicoterapia como trabalho com a totalidade da personalidade, não como mera supressão de sintomas (Jung, 1992; Jung, 2014).

A principal contribuição dessa interpretação está em preservar a complexidade do sofrimento psíquico. A vida não adoce apenas quando é invadida pelo caos, mas também



quando precisa se fechar demais para sobreviver. Quando esse fechamento se cristaliza, o que antes protegia passa a aprisionar. A clínica, então, não se define pela destruição das defesas, mas por sua elaboração e transformação. Em termos mais simples, “Fup” sugere que a psicoterapia é a arte de transformar cercas em passagens.

REFERÊNCIAS

DODGE, Jim. *Fup*. Rio de Janeiro: Amarcord, 2024.

JUNG, C. G. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. *Dois ensaios sobre psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes, 1992.

